



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano I - nº 5

Vitória-ES

Agosto de 2011

Bimestral

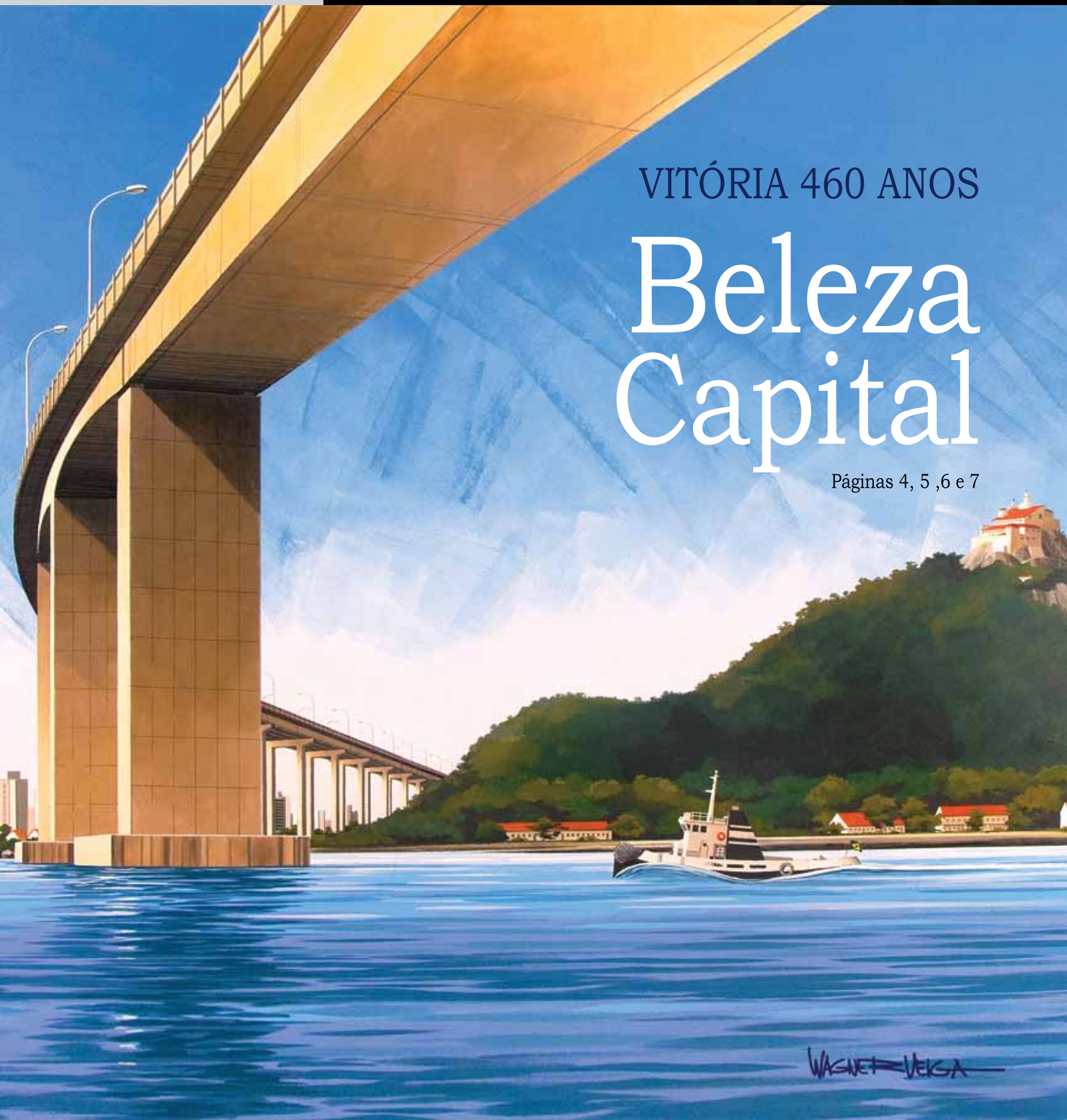


REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA 460 ANOS

Beleza Capital

Páginas 4, 5, 6 e 7



WAGNER VEIGA

APRESENTAÇÃO

Este quinto número do Caderno D faz duas homenagens: à cidade de Vitória e ao Palácio Anchieta, ambos completando 460 anos de existência. Um passeio noturno pelas ruas do centro da cidade e um olhar destacando as belezas de sua arquitetura e de suas paisagens naturais compõem a presente edição.

O Festival ES de Dança, realizado pela Secretaria de Estado da Cultura e o Sesi, com apresentações de espetáculos, oficinas, mesas redondas e intercâmbios de experiências entre os inúmeros participantes, suscitou também reflexões diversas relativas ao futuro da dança em nosso Estado.

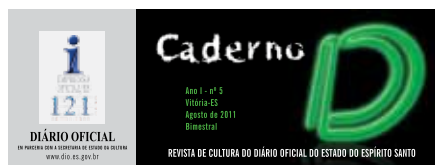
As políticas culturais voltadas às juventudes voltam a ser tema deste Caderno, com destaque para a formação de jovens ativos em suas respectivas comunidades visando à mobilização, à articulação e ao fortalecimento das diferentes iniciativas culturais de sua geração. O objetivo maior seria fortalecer as lideranças culturais jovens e proporcionar-lhes a visibilidade necessária para que se constituam em referências significativas no contexto cultural capixaba.

Dois outros articulistas refletem sobre uma suposta qualidade inferior das novas formas de manifestação artística e sobre um retorno ao passado caminhando à noite pela Paris da década de 20, sendo conduzido por Woody Allen.

Refletir e pensar a cultura são condições para a sua própria evolução. Nesta perspectiva, o Caderno D dá aqui mais uma modesta contribuição. Boa leitura a todos.



Erlon José Paschoal
erlonpaschoal@uol.com.br



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

JOSÉ EDUARDO FARIA DE AZEVEDO
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

ADEMIR RODRIGUES
Diretor Presidente

MIRIAN SCARDUA
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

JOSÉ PAULO VIÇOSI
Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL
Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

MAURÍCIO SILVA
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Capa

Wagner Veiga
www.wagnerveiga.com.br

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br




Eu, Museu?

Com certa frequência, e devo dizer que isso já me incomodou – hoje, não mais –, sou chamado de velho. Não velho no sentido cronológico, aquele cuja paciência se deteriorou ou cujas manias tornaram-se insuportáveis a seus pares, companhias. Não, não esse tipo de velho – que deveria, com o respeito necessário, ser chamado de idoso. Na verdade, no que diz respeito a minhas áreas de interesse – cinema, música e, claro, literatura –, mantenho-me, sempre que me é permitido, nos séculos passados. Isso não implica, logicamente, que eu não possa, e não deva, reconhecer que a produção contemporânea seja vantajosa, necessária e, em alguns casos, bastante representativa. Ao usar o pronome indefinido alguns, estou sendo tão benevolente quanto eufemístico: talvez eu devesse usar o indefinido poucos.

Não tenho dúvidas de que, por exemplo, o cinema produzido há cinquenta anos tenha muito mais qualidade, em todos os setores – exceto, claro, naqueles em que a tecnologia mete o bedelho –, do que os filmes produzidos na última década. E quando digo isso, refiro-me às atuações, ao roteiro, à trilha sonora e, evidentemente, ao desempenho de quem está por trás das câmeras. No caso, o diretor. Assisto a filmes criados no ventre dos anos 50 – de qualquer nacionalidade, incluindo a brasileira – e não vislumbro nada que, atualmente, possa rivalizar com eles. Chego a me incomodar, mas é incômodo breve, geralmente dissipado com uma dose de uísque, quando ouço um adolescente referir-se a filmes em preto e branco como matéria arqueológica, quando não coisa de outro mundo. E quanto à música? Talvez isso seja mais evidente e menos

questionável. Escolha o gênero: jazz, blues, erudita, rock, emepebê, gospel, samba. Existe algo, produzido nos últimos quinze anos, que possa ombrear – rítmica, melódica e harmonicamente – com os grandes nomes do jazz ou da música erudita, do rock, do blues? Duvido. E antes que me acusem, deixo claro que não falo de gosto musical, porque isso diz respeito ao sujeito, à visão pessoal. Falo de técnica.

Faço um parágrafo para me dedicar a minha área: literatura. Não só a produzo como vivo dela, tentando mostrar a estudantes sua importância. J. L. Borges, o extraordinário escritor argentino, afirmava que somente os livros escritos há mais de cem anos deveriam ser lidos. Não discordo, embora isso pareça paradoxal – e é, afinal, a quem se destinará os livros que escrevo? Certifico-me, antes de tudo, e isso de certa forma funciona como alibi, que nada de novo nem de inovador foi escrito nos últimos trinta anos. É claro que, mesmo como alibi, essa afirmação não justifica a inferior qualidade dos textos atuais, quando comparados ao que foi escrito em séculos passados. Sim, o que está registrado literariamente no passado é, sem mácula na afirmação, muito mais bem acabado, realizado, escrito, do que o que se faz nos tempos atuais. Se alguém duvida, leia Balzac, Dostoiévski, Machado, um de cada país. Há muitos, muitos outros, que me vêm, de imediato, ao pensamento como exemplos essenciais. De outra coisa estou certo: reconhecer-lhes a magnitude, e respeitá-la como base e subsídio, é o verdadeiro estímulo para que se continue a produzir aquilo que, um dia, a olhos pouco treinados, possa – e talvez até vá, incondicionalmente – tornar-se velho. 



Francisco é escritor. Autor de *Histórias Curtas para Mariana M* (romance) e *Licantropo* (contos)

CAPA

As diversas formas de **Beleza**

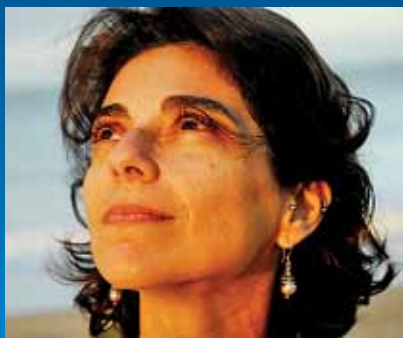
Desde o início de sua existência, esse enorme organismo ao qual chamamos 'cidade', suscita a discussão: afinal, o que torna uma cidade bela? As respostas variaram ao longo da história, flutuando de acordo com os valores considerados fundamentais em cada época. Assim, no Renascimento, a cidade bela era aquela que se pautava pela regularidade das formas, harmonia do traçado, simetria da paisagem. Uma cidade na qual se percebesse claramente a presença da racionalidade e do planejamento. Já no Barroco, para ser considerada bela, uma cidade precisava apresentar imponentes monumentos que atestassem sua importância e grandiosidade. A cidade do período imediatamente posterior, o Rococó, leva esses valores às últimas consequências, vestindo-se com uma roupagem extremamente rebuscada e ornamentada, em busca do melhor resultado estético para a época. A cada período histórico portanto, correspondeu um ideal de beleza, sendo este concretizado por elementos que se expressaram através da arquitetura e do traçado urbano.

E atualmente, poderíamos questionar, o que torna uma cidade bela? Há, claro, cidades que são inquestionavelmente dotadas de beleza, que pode se expressar através de múltiplas formas: ninguém discute a beleza de uma cidade como Paris, por exemplo, repleta de monumentos que a tornam

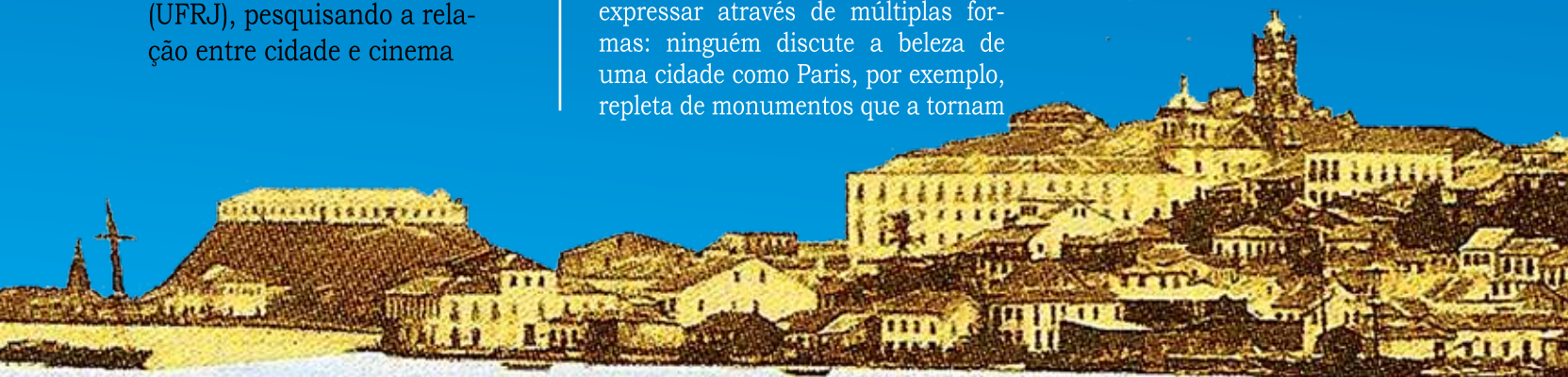
inigualável. Ou de uma cidade como o Rio de Janeiro, cuja beleza natural e paisagística surpreende até aqueles que a conhecem bem.

Começo a pensar nessas questões ao olhar ao meu redor e ver a nossa cidade: Vitória. Dotada de um encanto paisagístico inequívoco, essa pequena cidade que se 'espreme' entre mar e montanhas une duas das características que contribuem ao valor estético de qualquer cidade: uma rica paisagem natural e uma arquitetura à qual já se somou o peso e o valor da história, enriquecendo e aprimorando a sua paisagem construída. Os monumentos e construções que tornam palpável a nossa história e que permitem que façamos um passeio por ela através da arquitetura estão entre as principais razões através das quais podemos perceber a sua beleza.

Mas há algo mais em Vitória que a torna especial e formosa. Para falar deste 'algo mais', é importante fazer outra pergunta, que poderia se expressar, simplificadamente, da seguinte maneira: qual é o principal objetivo de uma cidade? É claro que a resposta a essa questão não é simples. De ser um ponto de troca comercial a representar um local no qual se está em segurança, são muitos os valores buscados no es-



Eliana é arquiteta e professora; MSc em Estruturas Ambientais Urbanas/USP; cursa atualmente doutorado (UFRJ), pesquisando a relação entre cidade e cinema



Eliana Küster

elianakuster@bol.com.br

le uma cidade eza

paço das cidades. Mas, em todos eles, encontramos algo em comum: a cidade é o local do encontro. Ali, as diferenças se contrapõem, dialogam, negociam, para que o convívio seja possível. E - me parece - esse é atualmente, um dos valores a ser cultivado por qualquer cidade que se pretenda bela. Uma outra beleza, diferente daquela que só diz respeito à estética: a de acolher as desigualdades, proporcionando-lhes o espaço para que se manifestem.

Nesse sentido, temos em Vitória sinais da presença deste fenômeno: proporcionar um palco para o encontro entre as diferenças. Seja pela escala da cidade que ainda permite que aconteça um convívio mais próximo e ainda não tão segmentado nas contemporâneas 'tribos', seja pelo histórico que possuímos, de longa data, de abrigar pessoas de procedências das mais diversas, há um ambiente nas terras capixabas que permite o acontecimento das mais variadas manifestações. Se por um lado, sempre criticamos a nós mesmos por não manifestarmos fortemente a nossa identidade - o que não significa que ela não exista - por outro, podemos nos congratular por termos, em nosso comportamento, essa parcela de hospitalidade que faz com que o capixaba - vencida a resistência inicial - se revele um povo terno e acolhedor. E é também de características como estas que se constrói a beleza de uma cidade. ■



Pequena coleção de postais da bela capital capixaba.



Fotos: Renato Carniato

CAPA

Ronda noturna

O centro de uma cidade antiga e seu habitante forjam um único ser. Sempre devotei ao centro das cidades antigas esse mistério que não se desvenda e, não obstante, se penetra. Os seus moradores tornam-se em breve parte do mistério e quem sabe tanto de si?

O centro de uma cidade antiga guarda as dores do progresso, mas também remete à nostalgia de felicidade permitida, distrações cotidianas tão caras às nossas almas despidas. Isso pensei na esquina da Graciano Neves com a Professor Baltazar, já na metade da dose de jurubeba no Bar do Gege, que meu médico proibiu bebida e jurubeba é remédio.

Cai a noite. O centro das cidades antigas fica mais bonito de noite, e é lindo de dia. É necessário encarar como um convite para passeio. Não importa qual centro de cidade antiga vá. Principalmente se existir um curso d'água que traz o mar ou rio em forma de porto a seus pés, neste caso as lacunas da nostalgia estão todas preenchidas. A sirene do navio vai ecoar por todas as ruas asfaltadas, e cada pedra do calçamento vibrará querendo vir à superfície, fachadas ressentem-se por serem tomadas por placas de propaganda e os mais velhos e os mais sensíveis olham o céu e suspiram.

Pode-se começar o passeio à beira do porto. Mas não é obrigatório, pois o vento portuário toma todo centro da cidade. É possível, dependendo do tipo de olhos que o cidadão recebeu ou cultivou, escolher apenas um ponto de observação e, invariavelmente, ver a mesma essência. Percorrer a rua ou o porto dá no mesmo, pois agora são os habitantes que assemelham-se

a navios carregando contêineres de uma coisa que parece saudade. Não sei ao certo o que é.

Eu vi isso em Buenos Aires, vi isso em Montevideu e então, parado no centro da capital do Espírito Santo, Vitória, tive certeza de que tudo o que fui buscar nessas cidades portuárias estava em casa, tal qual o famoso conto das Mil e uma noites.

O centro de uma cidade antiga é pleno do que é desprezado, velho, decaído e belo... Sabe-se quando alguém penetrou de verdade o centro quando o lixo acumulado já não incomoda, quando se nomeia os cães da vida vadia. Penetra-se de verdade o centro quando os animais vertebrados ou invertebrados mais repugnantes passam despercebidos, ou quase, no caminho entre o Bar do Bimbo, passando no Vaguinho e chegando no Ney, todos na Rua Sete de Setembro. E a noite continua caindo no centro de Vitória do Espírito Santo. Crianças, idosos e boêmios da primeira hora tomam o lugar dos homens engravatados e apressados nos negócios do dia. É nessa mesma Rua Sete que está a Casa Aberta, onde uma moça e dois gatos vivem em arte, atraindo pessoas capazes de ver o centro.

Não é de hoje que o centro atrai esse tipo de gente, esse tipo de olho. A Urucum Dança-Teatro fez sua morada perto da Ladeira São Bento. O Grupo Vira-latas está sediado no prédio atrás da Catedral Metropolitana. Logo ao lado dos Vira-latas, descendo a íngreme ladeira de pedras, dois outros grupos de artes cênicas, as Cias. Folgazões e Repertório, reuniram esforços e num belo casarão vermelho



Saulo é escritor e editor.

Saulo Ribeiro

sauloribeiro77@gmail.com - www.editoracousa.com.br/

na

compartilham sede e mantêm um espaço teatral que vem se consolidando a cada dia. As artes encontram refúgio no centro das cidades antigas.


Da Rua Sete, atravesso a Praça Ubaldo Ramalhete e chego à Gama Rosa. Onde era um bar que dizem que não fechava nunca, e que não conheci, agora funciona um banco. Mas logo à frente, subindo, tem um boteco charmoso. Não servem jurubeba, então eu peço perdão ao médico e tomo uma cerveja, olho a rua e lembro do cronista Carlinhos Oliveira e de como ele a chamava:
Rua da Sau-

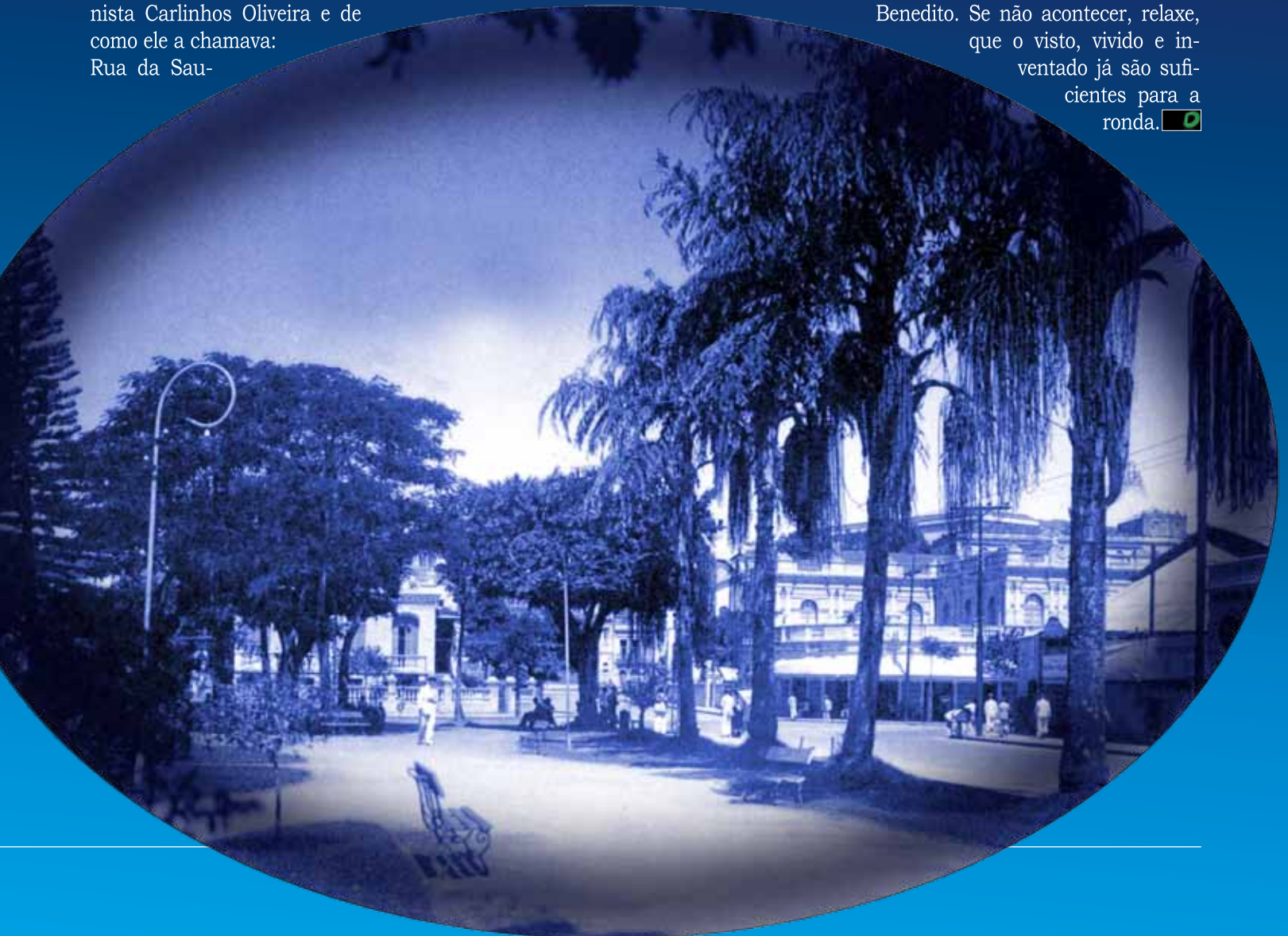
dade. E é como se eu pudesse ver toda saudade - ou uma coisa que parece saudade - dos que desceram e subiram essa rua durante séculos.

Acabo minha cerveja e decido retornar à Rua Sete. Vou até perto da larga escadaria e entro na Maria Saraiva, endereço do Bar da Zilda, onde eu poderia beber uma jurubeba, que é remédio, ao lado do mestre Papo Furado e ouvir o samba do pessoal da Unidos da Piedade. Bar fechado. O

samba precisa descansar.

Assim fica por último a jurubeba do Galetti, no Parque Moscoso, o derradeiro bar a fechar as portas na madrugada do centro. No caminho é recomendado passar por cima do Viaduto Caramuru e descansar um pouco olhando pra baixo. Se o ar da noite continuar favorável ao desiderato, ao olhar pra baixo a gente volta no tempo e dá até pra ouvir a competição das irmandades dos Peroás e dos Caramurus pra saber quem festeja melhor São Benedito. Se não acontecer, relaxe,

que o visto, vivido e inventado já são suficientes para a ronda. 



CULTURA JOVEM

As juventudes e o protagonismo

CU

As juventudes, cada vez mais, têm sido objeto da atenção de estudiosos, gestores públicos, entre outros atores interessados em entender os anseios e as necessidades que permeiam essa etapa da vida. Não é para menos: os dados preliminares do censo realizado pelo IBGE no ano de 2010 demonstram que aproximadamente 27% da sociedade brasileira é formada por jovens com idade entre 15 e 29 anos. O Espírito Santo também segue a tendência nacional: 27% da população capixaba estão nesta faixa etária. Esse expressivo contingente, que coloca o Brasil entre os países com maior população juvenil, tornou indispensável a criação de ações articuladas que atendam às demandas desse público.

No campo das políticas públicas, principalmente a partir das últimas décadas do século XX, é notória a inserção do jovem como sujeito que merece a atenção do Estado. Contudo, ainda se vê uma abordagem da juventude enquanto um momento de

passagem para a fase adulta ou uma etapa problemática da vida marcada pela delinquência, pelo uso de drogas e pela violência. Essa percepção simplista, somada a outros fatores, resultou na criação de políticas reativas de combate à criminalidade juvenil ou com foco único na qualificação dos jovens para o mercado de trabalho, desconsiderando que, para além de uma promessa de futuro, as juventudes têm demandas no presente.

Especialmente na esfera das políticas culturais, nos últimos anos, têm surgido iniciativas que rompem com esse paradigma e apostam nos jovens enquanto agentes estratégicos, capazes de interferir e modificar a realidade em que vivem. Entre os exemplos, podemos citar o projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis, desenvolvido pelo programa Observatório da Juventude, da Universidade Federal de Minas Gerais, entre o início de 2002 e o final de 2003 e, mais recentemente, o Programa Agente Cultura Viva, rea-



Fernanda é historiadora e integrante da Coordenação da Formação Agente Cultura Jovem



Fernanda de castro

fernandadecastro@gmail.com

Cultural

lizado pelo Ministério da Cultura, em 2009. Ambas têm em comum o estímulo à autonomia e ao protagonismo juvenil e a qualificação do jovem para uma atuação crítica, por meio de uma formação cultural que alia teoria e prática. Essas ações voltadas para a formação – entendida aqui em seu sentido mais amplo – são fundamentais para trabalhar diretamente o potencial dos jovens e desenvolver seu conceito de cidadania e participação ativa.

No Espírito Santo, o Programa Rede Cultura Jovem (PRCJ) – iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura, em parceria com o Instituto Sincades – antenado às discussões atuais sobre as juventudes e atento à importância das ações formativas no âmbito das políticas culturais – lançou em 2009 a Formação Agente Cultura Jovem (FACJ) com o objetivo de qualificar jovens para a mobilização, a articulação e o fortalecimento das diferentes iniciativas culturais de sua geração. Todavia, sua importância não está restrita


ta ao fortalecimento das manifestações artístico-culturais do Estado: reside também na contribuição para o desenvolvimento profissional e pessoal dos jovens envolvidos, uma vez que amplia o repertório cultural e a capacidade de atuação; incentiva o protagonismo juvenil; estimula o fazer coletivo, criativo e solidário. E, para além disso, colabora para a formação de sujeitos plenos, aptos a participar, refletir e interferir na sua realidade.

Passaram pela Formação, entre 2009 e 2010, 32 jovens de diferentes municípios que participaram de debates, oficinas, vivências artístico-culturais e realizaram atividades supervisionadas pela equipe do PRCJ. Na 1ª turma, o mapeamento das iniciativas culturais juvenis e o fortalecimento da atuação dos jovens pautaram os encontros que ocorreram em Vitória. Já na 2ª edição, os participantes atuaram como um importante instrumento de articulação das iniciativas contempladas nos Editais

PRCJ. As experiências das duas primeiras turmas mostraram a importância da FACJ enquanto uma ação que incentiva a participação mais ativa e qualificada dos jovens. Os resultados foram percebidos ainda no processo de Formação com o fortalecimento da atuação dos participantes em suas localidades e a constituição de coletivos culturais.

Em 2011, a FACJ volta com novo fôlego. O formato de sucesso – marcado pela tríade discussão teórica, atividades práticas e vivências artístico-culturais – foi mantido. Algumas mudanças foram realizadas a partir do amadurecimento dessa trajetória. Uma das principais delas é a ampliação da coordenação, que passa a contar agora com Regina Murad e Max Dias, profissionais que possuem um relevante histórico de atuação junto às juventudes. Contudo, a FACJ não é um produto acabado. Pelo contrário, ela é uma ação em permanente construção que aposta no diálogo com os

jovens para se reinventar e contribuir para o desenvolvimento de juventudes protagonistas dos seus próprios sonhos.

Fonte: Juventude e políticas públicas: o descobrimento do papel do jovem na transformação da sua realidade social e educacional (2007); Políticas públicas de/para/com as juventudes (2004) 



CINEMA

Paris é uma

Recentemente, Woody Allen realizou um sonho coletivo. Em “Meia-noite em Paris”, como num passe de mágica nas badaladas das doze horas, o protagonista era transportado para a Paris da década de 20.

E lá dividiu garrafas de vinho com Scott Fitzgerald e Ernest Hemingway, viu a grandiosidade de Picasso, esbarrou em Dalí, discutiu com Buñuel – ofereceu o roteiro de “Anjo Exterminador” de mão beijada! - e se confessou com Gertrude Stein.

Em algum ponto do filme, numa das conversas do protagonista do filme com Hemingway, mencionou-se sobre o livro ‘Paris é uma festa’, do próprio Ernest.

Lembrei-me que guardava um exemplar há muito tempo, e por falta dele, ainda não havia degustado seu miolo. E quando adentrei o universo da festa particular de Hemingway em Paris, confirmei minhas percep-

ções que, de fato, essa foi a época de ouro.

Em tempo: li algumas crônicas e ensaios sobre o filme, especialmente da nossa incapacidade de se sentir feliz e pleno no presente. Isso não é novidade alguma: a mente só reconhece passado – sob a forma de saudades ou arrependimento – e futuro – com esperança ou pessimismo. O agora é fugidio demais para nossa cabeça animal. Somos seres controladores por natureza, e sobre o presente não temos domínio algum, a não ser a oportunidade de escolher este ou aquele caminho, sem saber onde eles nos levarão. A incerteza do agora é absurda para nossas vidas cheias de certezas, por isso, optamos por passados e futuros.

Voltemos ao livro. No conto “Miss Stein pontifica”, Hemingway traz uma série de sentimentos que me soam familiares. O primeiro deles é a satisfação de



Flavia é personagem dos filmes de Woody Allen, bailarina e escritora

Flavia Dalla Bernardina

flaviadalla@hotmail.com
www.tubodeensaaios.com.br

a festa

terminar uma tarefa: “Era maravilhoso descer os longos lances de escada sabendo que meu trabalho correria bem.” Isso requeria “sorte e disciplina”, e só a partir da tarefa cumprida, ele se sentia livre para andar por Paris.

Outro pensamento que reverbera no meu íntimo é sobre o desafio de escrever quando tudo conspira para que o parágrafo nunca termine. Hemingway, otimista, dizia para si mesmo: “Não se aborreça, você sempre escreveu antes e vai escrever agora. Tudo o que tem a fazer é escrever uma frase verdadeira. Escreva a frase mais verdadeira que puder”.

Achei isso de uma potência extraordinária – escrever a frase mais verdadeira que puder. No mínimo, um bom começo.

Desse raciocínio nasce o último ao qual me debruço: “Foi naquele quarto, também que aprendi a não pensar mais sobre o que estivesse escrevendo, desde

o momento em que parasse até começar de novo, no dia seguinte.” Segundo ele, nessa pausa o subconsciente ficaria trabalhando no assunto, e ao mesmo, ele daria ouvidos a outras pessoas e perceberia o mundo ao seu redor, estaria aprendendo.

Adoraria poder conversar com Hemingway sobre essas ponderações, tomando um licor num café, que nos protegeria do frio de Paris. Ou de frequentar o apartamento de Gertrude Stein para que ela pudesse ler, e riscar e incentivar alguns escritos meus. Quem sabe ir para uma festa com Zelda Fitzgerald e lá encontrar com Ezra Pound ou Jame Joyce. Se isso não brilha só de ler, sinto informar-lhe, caro leitor, que falta imaginação em sua vida.

Para mim, ainda há tempo, pois não soaram as badaladas das doze horas. Estarei pontualmente na porta, esperando a carruagem passar. ■

DANÇA

E por que não
novos canais de
agenciamentos

dan

no estado?

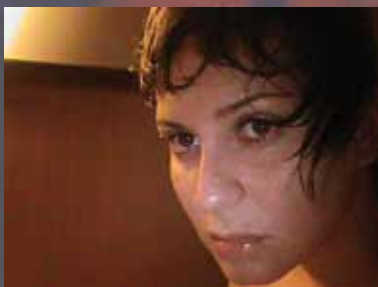
“O desejo cria agenciamentos; mas o movimento de agenciar abre-se sempre em direção de novos agenciamentos, porque o desejo não se esgota no prazer, mas aumenta agenciando-se. Criar novas conexões entre materiais heterogêneos, novos nexos, outras vias de passagem da energia, ligar, pôr em contato, simbiotizar, fazer passar, criar máquinas, mecanismos, articulações - tal é o que significa agenciar, exigindo sem cessar novos agenciamentos.” (José Gil)

O que Gil nos propõe talvez seja perceber a criação a partir de um trânsito que conecta desejo, nascente na sua intenção, ao que poderá vir a irromper em novas configurações de movimentos. Nesse sentido não há começo, nem fim, mas um fluxo pulsante que põe o corpo em diálogo com o mundo. Penso que isso pode nos remeter às funções e desdobramentos que os vários espaços de convivência da dança se propõem hoje e, particularmente, percebê-los a partir da realidade do Estado do Espírito Santo. Na perspectiva de uma ação viva capaz de agenciar movimentos, conectando-os, é possível construir espaços mais dignos e criativos da existência dessa arte.

Sem querer que o passado morra,

mas com a preocupação que ele também não estacione, pode-se reconhecer um histórico importante da Dança aqui no Estado quando o cenário se constituiu, principalmente, a partir do desejo estético e político dos grupos que vinham por aqui se profissionalizando. Festivais, encontros e outros projetos que foram revelando uma paisagem em expansão e diversificada dessa arte aqui. Era a inauguração de um caminho, mas sempre há algo a se inaugurar e é por isso que proponho esta reflexão.

Sem dúvida, nos dias de hoje, com outras lutas e questões se faz necessário promover espaços onde a dança apareça em um processo de desejo de trocas, interações, encontros e construção de outras demarcações que o próprio movimento da Dança nos coloca como desafio. E como diz o colega e bailarino Marcelo Ferreira, a “zona de conforto” é cutucada a cada momento que nos olhamos de fora pra dentro e de dentro para fora. Surgem daí tais questões. Após recente acontecimento do Festival de Dança do ES, a experiência nos marca e nos irrompe como um sonho revelador, velho na sua aparição, mas novo na sua atualidade: quais os agenciamentos que o movimento artístico da Dan-



Marcela é performer, integrante da Urucum Dança-teatro e do Grupo Atuação

Marcela Cavallini

marcelademacedo@gmail.com

de
s da
ça

ça no Estado a partir de agora pode fazer irromper? O que, nós, artistas da Dança, podemos produzir que nos faça sair das formas já conhecidas e assim arriscar, surpreendendo nossa própria atuação?

Muitas vezes, o cansaço é a resposta, mas também é sintoma por buscar algo já dado e por nos distanciar daquilo que nos mobiliza viver o aqui agora. Festivais e todos os demais espaços de convivência da Dança devem impulsionar diálogos para que se mobilizem outros movimentos, outras formas nascentes de se fazer e pensar Dança. Mas para isso é preciso garimpar e abrir canais para que novos cenários e conexões surjam, o que nem sempre vem do novo, mas da capacidade que cada um no coletivo tem de realizar através de negociações, interações e da promoção de atos criativos. Assumir essa posição é reivindicar que novos canais surjam do já estabelecido. Daí evoco o título deste texto como uma provocação a nós dançarinos.

Referências

GIL, J. , MOVIMENTO TOTAL. O corpo e a dança - Relógio D'Água Editores, p. 57, 2001. 



Fotos: Carlos Antolini



CRÔNICA

Esta ilha é uma *delícia!*

Muitos conhecem o velho e repetido bordão, criado pela saudosa cronista Carmélia M. de Souza, e que uso aqui como título. Abrevio o seu segundo nome em respeito ao ódio que ela sentia por ele. Gostava mesmo era de ser chamada de Félia. Ou Magnólia Cardin. Apenas para satisfazer a curiosidade de alguns esclareço que o M. é mesmo de Maria, que ela achava um nominativo simplório demais para o seu bem construído ego. Carmélia era adoravelmente besta.

Fui testemunha do nascimento daquela expressão. E, torno a repetir o que tantas vezes já escrevi. “esta Ilha é uma delícia” não é um canto de amor à cidade. Estávamos no Britz Bar (O rei da pizza) quando um amigo dela chegou para almoçar. Sentou-se reclamando de um restaurante da capixaba onde deu de cara com o aviso na porta: “Fechado para almoço”. Quicando de rir ela cunhou a história: “Esta Ilha é uma delícia!”. Um proposital e explícito deboche, cheio de “is” até não poder mais. Jamais avizinhou-se de um elogio. Mesmo porque elogiar não era verbo que ela gostasse de conjugar.

Trilhando este mesmo caminho do delícia, com muitos is, dou alguns exemplos de comportamentos contemporâneos, fáceis de serem flagrados e que, estivesse ela viva, mereciam de pronto o bordão.

Uma das cenas que mais me impressiona e que certamente seria uma delícia!” pra Carmélia acontecem nos salões de festas. É o encontro de jovens e senhoras da sociedade com o fotógrafo que cobre o evento. É assim: um grupo conversa animadamente quando se aproxima uma hipnotizante câmera fotográfica conduzida por um profissional do ramo. Ramo da coluna social, claro. Como num pátio do Batalhão Tibúrcio, sem que seja preciso a voz de comando de um sargento, todas se posicionam, lado a lado, rostos próximos e sorrisos idênticos assim que ele ameaça estourar o flash. Uma verdadeira ordem unida sem comando. Coisa linda de se ver. O melhor é que este filme não sai de cartaz. Não perca na próxima noite.

Por falar em festa, um novo hábito insular capixaba causa espanto em quem não está acostumado. Imagine só a festança que a saudosa cronista iria fazer e ainda andasse por aqui. Lembro que Carmélia viveu numa época em que a palavra convite significava exatamente isto: convite. Era a manifestação de alguém que fazia questão de ter pessoas queridas em algum evento que estivesse organizando. Era um tempo em que o ditado “quem convida dá banquete” estava sempre na ordem do dia. Mas isso mudou. O prazer de ter amigos ao seu lado, na




Marcos é economista, publicitário, cronista.

Marcos Alencar

marcos_alencar@terra.com.br

festa que você promove, custa dinheiro. É preciso comprar o convite, que mesmo assim permanece com este nome, por horror ao banal e adequado “ingresso”. E quando se trata de festa de aniversário a facada é mais profunda: além de pagar pra ir ainda é preciso levar um presente. E bater palmas e cantar parabéns! É ou não é uma suprema delícia? Deixo os total de “is” desta delícia de comportamento por sua conta.

E a inigualável Félia ainda morreu sem saber que aqui os supermercados não abrem aos domingos, que a cidade continua sem banheiros públicos, que o centro da cidade, feio como está, não faz justiça a esta bela capital, que taxis não ligam para o sinal vermelho, que a Praia de Camburí ainda não ficou pronta, que o pó de minério ainda polvilha nossos pulmões e que, apesar destes e outros pesares, e da desconfiança dela, eu sigo achando, sem ironia, esta ilha uma delícia. Sorry, Magnólia. 

FOTO

Joaquim Nunes
Joaquimnunes2004@ig.com.br



Cruz Reverente, Praça
do Papa, Vitória-ES
Escultura de Yannis
Zavoudakis,